

# O EMPREGO DO CÃO FAREJADOR NA LOCALIZAÇÃO DE SUBSTÂNCIAS ENTORPECENTES ILÍCITAS

Wanderson Nunes de Siqueira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo descreve de maneira sucinta a experimentação científica realizada com intuito de mensurar a eficiência e eficácia do emprego do cão farejador na localização de substâncias entorpecentes ilícitas. Neste trabalho buscou-se organizar as informações bibliográficas que nortearam a pesquisa, bem como descrever os resultados aferidos.

**Palavras-chave:** *Prevenção – Tráfico de drogas – Cão farejador.*

## ABSTRACT

This article describes succinctly scientific experimentation performed to measure the efficiency and effectiveness of the use of sniffer dog in locating narcotics illegal substances. In this study we sought to organize the bibliographic information that guided the research, and to describe the results obtained.

**Keywords:** *Prevention – Trafficking of drug – Sniffer dog.*

---

<sup>1</sup> Oficial da Polícia Militar de Mato Grosso, especialista em Gestão de Segurança Pública/CAO, da Academia de Polícia Militar Costa Verde (APMCV/MT).

## INTRODUÇÃO

Apesar de as substâncias entorpecentes ilegais estarem alcançando níveis alarmantes de participação na morte prematura de homens e mulheres no mundo inteiro, poucas ações efetivas de combate a este tipo de crime são vistas.

As drogas estão invadindo nossas casas e se tornado mercadoria de fácil acesso em nossas cidades. Invariavelmente, na maioria dos crimes violentos contra a vida e contra o patrimônio a droga está presente, seja no consumo pelos praticantes do ato criminoso, seja no financiamento de armamentos e equipamentos.

O Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes divulgou recentemente informações que estarrecem qualquer pessoa e dão conta da complexidade do problema. Segundo a UNODC<sup>2</sup>:

“... nos Estados Unidos, o negócio das drogas, com destaque absoluto para a cocaína, está entre os 50 maiores negócios, em termo de movimentação financeira. A maconha rende US\$ 35 bilhões ao ano superando os US\$ 23 bilhões de dólares produzidos pelo milho e os US\$ 17,6 bilhões pela soja. No Canadá a droga rende cerca de US\$ 7 bilhões, bem mais do que os US\$ 5,63 bilhões do gado e os US\$ 1,73 bilhões do trigo”.

O tráfico internacional e, por conseguinte o tráfico doméstico de drogas vem crescendo assustadoramente nas últimas décadas no mundo, chegando a alcançar uma cifra anual superior a US\$ 300 bilhões. Esses números influenciam tanto o comércio mundial, que na ordem de valores produzidos, colocam o narcotráfico na segunda colocação geral, só ficando atrás do tráfico de armas. Para se ter uma idéia, nenhuma atividade legal do comércio ou da indústria no mundo, produz um resultado financeiro semelhante ao do narcotráfico, nem mesmo o petróleo.

### 1. SUBSTÂNCIAS ENTORPECENTES

De acordo com o Ministério da Saúde, substâncias entorpecentes são todas aquelas substâncias que combatem a dor (analgésicos), induzem o sono (hipnóticos),

---

<sup>2</sup> Relatório mundial sobre drogas, publicado em 29 de junho de 2006, pelo Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes. Disponível em: <[http://www.unodc.org/brazil/press\\_release\\_2004-06-25.html](http://www.unodc.org/brazil/press_release_2004-06-25.html)>, acessado em 23/04/2008.

bem como atuam nas células nervosas (psicotrópicos), modificando o comportamento e a atividade psíquica do indivíduo.

Essas substâncias para efeito jurídico podem ser consideradas legais e ilegais. O critério utilizado para distinguir as substâncias entorpecentes lícitas das ilícitas, é o ordenamento jurídico, pois conforme definição em lei, uma substância entorpecente será considerada ilícita se houver previsão legal ou constar da lista de proibição do Governo Federal.

Levando-se em conta essa previsão legal, registramos atualmente como substâncias entorpecentes lícitas o álcool, o tabaco, a cafeína e alguns medicamentos. Por outro lado à cocaína, o crack, as anfetaminas, o ópio, a maconha e outras substâncias previstas na Relação do Ministério da Justiça, são consideradas ilícitas.

### 1.1 SUBSTÂNCIAS ENTORPECENTES ILÍCITAS

“são todas as substâncias naturais ou sintéticas, assim especificadas em lei ou relacionadas em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União, que ao penetrarem no organismo humano sob qualquer forma - ingeridas, injetadas, inaladas ou absorvidas pela pele - entram diretamente na corrente sanguínea, atingem o cérebro e alteram seu equilíbrio fazendo com que a pessoa sinta tudo “diferente”. Exemplo: maconha, cocaína, pasta base, heroína, êxtase, entre outros”.

Este conceito foi formulado pelo Professor João José Leal<sup>3</sup>, em seu artigo Política criminal e a Lei 11.343/2006.

### 1.2 TRÁFICO INTERNACIONAL X TRÁFICO DOMÉSTICO

Para um melhor entendimento a partir de agora faremos uma distinção entre comércio internacional e comércio doméstico de drogas. Enquanto o comércio de drogas realizado por cooperação internacional de agentes ou que seja estendido a mais de um país, caracterizando assim a transnacionalidade é definido como tráfico internacional de drogas, o comércio de substância entorpecentes ilícitas produzidas

---

<sup>3</sup> Docente em Direito Penal, Professor do CPCJ/UNIVALI, Promotor de Justiça Aposentado e Ex-Procurador Geral de Justiça de Santa Catarina. Disponível em: [www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=1586](http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=1586), acessado em 17 de maio de 2008.

ou vendidas dentro do próprio país, sem a abrangência de outras nações é definido como tráfico doméstico de drogas.

O tráfico internacional geralmente envolve quantidades e valores de grande monta, além de estruturas criminosas organizadas. O transporte dessas substâncias é feito através de aeronaves, embarcações ou veículos automotores de grande porte.

No Brasil podemos encontrar tanto o tráfico internacional de drogas “endógeno” quanto o “exógeno”. O Tráfico Internacional endógeno se dá pela movimentação e distribuição de drogas vindas de outros países, para alimentar o mercado interno, enquanto que o Tráfico Internacional exógeno é caracterizado pela venda ao comércio exterior das substâncias entorpecentes ilícitas produzidas ou não no Brasil.

O tráfico doméstico de drogas diferente do internacional é caracterizado por comercializar pequenas quantidades de drogas, atuar em comércio varejista (bocas de fumo) e transportar os produtos através de pessoas a pé ou em veículos de pequeno porte.

### 1.3 COMPETÊNCIA PARA PREVENIR E REPRIMIR

A Constituição Federal de 1988 atribuiu a Polícia Federal Brasileira a responsabilidade pela prevenção e repressão ao tráfico ilícito de entorpecentes no território nacional. Entretanto, como o tráfico de drogas se tornou um problema social gigantesco, com influência em diversas áreas da sociedade como saúde, educação, segurança, invariavelmente o seu enfrentamento também deverá ser realizado em várias frentes.

Os juristas entendem que tanto as organizações de segurança pública estadual quanto as federais tem responsabilidade na prevenção e na repressão ao tráfico de drogas. Enquanto a Polícia Federal compete o combate ao tráfico internacional, as organizações estaduais (Polícia Militar e Polícia Judiciária Civil) devem se responsabilizar pelo enfrentamento do tráfico doméstico.

Apesar de não estar devidamente especificado na constituição federal, a doutrina já firmou um entendimento de que a responsabilidade da Polícia Federal

quanto à prevenção e repressão ao comércio de entorpecentes ilegais, é exclusiva no que se refere à transnacionalidade.

De acordo com o inciso II, §1º Art. 144 da CF, a Polícia Federal destina-se a: “prevenir e reprimir o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o contrabando e o descaminho, sem prejuízo da ação fazendária e de outros órgãos públicos nas respectivas áreas de competência”. (grifo nosso).

Como se percebe o legislador de maneira sábia definiu a atribuição da Polícia Federal, entretanto não excluiu os demais organismos estatais da responsabilidade de atuarem, dentro de suas respectivas esferas de atribuição, sejam elas estaduais municipais ou na própria esfera federal.

Em concordância com esse entendimento, o Desembargado do TJ de São Paulo, Dr. Ivan Ricardo Garisio Sartori, define em seu artigo “Breves Considerações sobre o Narcotráfico” que:

“No Brasil, tanto as polícias dos Estados como a Federal têm atribuição com o tráfico de entorpecentes, ficando as primeiras com toda mercancia interna e a segunda mais com aquelas com reflexos no exterior, o mesmo ocorrendo em relação ao Poder Judiciário, esferas estadual e federal, ressaltada a competência suplementar ou delegada do art. 27 da Lei 6.368/76, vale dizer, a Justiça Estadual singular também julga o tráfico internacional onde não houver vara federal”. (Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6943>> Acessado em 04 de maio 2008).

Diante de tudo que foi exposto acreditamos ter ficado devidamente esclarecido o conflito de competência com relação ao combate ao tráfico de drogas. Em se tratando de tráfico internacional ou transnacionalidade, a responsabilidade de prevenir e reprimir é da Polícia Federal, referindo-se a tráfico doméstico, a competência recai sobre os órgãos de segurança pública estaduais sejam eles Polícia Militar ou Polícia Judiciária Civil.

## 2. O CÃO FAREJADOR

Segundo Gygas (1987:65).

Em 1902, o farmacêutico Adolfo Goeschel fundou na Alemanha a Sociedade para promoção e Criação de Cães Policiais. Como acontece frequentemente, também aqui o acaso ajudou a encontrar novas tarefas para os cachorros. Quando aluno de

uma escola, Adolfo fora salvo pelo seu cão “Hektor” das águas do Reno, pois ameaçava afogar-se devido a ter rompido a camada de gelo do rio.

A maneira pela qual foi encontrado pelo cachorro lhe deu a idéia de utilizá-lo para seguir primeiramente rastros de ciganos descalçados e, mais tarde, os rastros de pessoas em geral. Para este fim, ele inicialmente, untava as solas de sapatos de pessoas com um “cheiro” artificial que preparou na farmácia de seu pai. A princípio, utilizou Airadele-Terries, Boxers, Pastores Alemães, Schnauzer Gigantes etc, em suas experiências. Com o passar dos anos evidenciou-se que os cães possuíam todas as qualidades exigidas para tal serviço.

Os cães classificados como farejadores têm sido utilizados em todo o mundo em diversas missões como: localização de pessoas perdidas e soterradas; localização de entorpecentes e armamentos; detecção de explosivos e localização de vazamentos químicos. Os cães têm deixado de ser simples animais de estimação e tem assumido papéis relevantes, principalmente no quesito faro.

## 2.1 O OLFATO CANINO

“Não podemos compreender nada do cão senão admitimos que ele é um olfato com patas”, essa frase foi dita por Hasbrouk apud Garcia Junior (1998:36) e retrata muito a importância desse sentido para o cão. Os cães, semelhantemente aos aparelhos detectores dos seres humanos, possuem aptidões e limitações intrínsecas, algumas raças possuem o sentido do olfato melhor que outras e já se sabe que a prática contínua melhora a aptidão discriminatória de seu sentido olfativo.

### 2.1.1 Comparando o Olfato Canino ao Humano

“Enquanto o homem descortina o que está seu redor com os olhos, o cão, através do focinho, percebe o mundo pelo olfato”, segundo Espósito<sup>4</sup> (1997:12).

A explicação para isto é que enquanto o homem possui algo em torno de 5.000.000 (cinco milhões) de células olfativas em sua estrutura nasal, o cão é dotado de uma superestrutura de olfação, com 200.000.000 (duzentos milhões) ou mais de células olfativas. Além disso, o tecido onde se localizam essas células olfativas possui formato de pregas e seu comprimento, quando estirado, pode ser igual ou superior ao tamanho do animal.

---

<sup>4</sup> Oficial da PMSP, Ex-Comandante do Canil da PMSP e Autor do Livro “Adestre seu Cão com o Capitão Eduardo”.

### 2.1.2 Como se Processa a Percepção do Odor?

Quando as partículas físico-químicas se dissipam da matéria (mineral, vegetal, animal, produtos artificiais e etc), são aspiradas pelo cão, impressionam a estrutura nasal interna e em seguida são enviadas ao cérebro do animal. Assim como ocorre com o homem, essas informações são armazenadas e codificadas no cérebro.

Da mesma forma que nós tentamos lembrar de algo recorrendo a nossa memória, pra ver se temos uma imagem do que buscamos, o cão possui um poderoso banco de dados de registros odoríferos, do qual, recorre sempre que necessita.

## 2.2 O ADESTRAMENTO

“Adestramento é o ato de treinar ou condicionar um individuo (animal) para a realização de determinada tarefa. No caso do cão, de obedecer comandos visando um objetivo específico, como localizar ou detectar um odor, atacar, realizar guarda ou acompanhar uma pessoa”

Esse é o entendimento de Gygas (1998:79). Nesse conceito pode-se perceber claramente o processo e a finalidade do ato de adestrar, que nada mais é que preparar o cão para desenvolver determinada reação, em caso de deparar-se com uma situação previamente estabelecida, como defender um território (guarda), encontrar um objeto (busca, salvamento, localização e detecção) ou até mesmo acompanhar uma pessoa (companhia ou patrulhamento).

Para compreendermos como se dá o adestramento, é preciso entendermos alguns fatores psicológicos relacionados a teoria de Pavlov e de Skinner.

Pavlov determinava que ao se apresentar um prato de comida a um cão, ele salivaria. De inicio, Pavlov fazia o cão ouvir o som de um metrônomo antes de lhe dar comida, uma vez repetida sistematicamente esta associação, ele submeteu o cão ao ruído do metrônomo, mas suprimiu a comida; apesar disso, o cão voltou a salivar. Pavlov deduziu que o prato de comida constituía o estímulo obrigatório e o metrônomo, o estímulo condicionante.

A partir desse resultado, Pavlov elaborou uma teoria da aprendizagem que explicava, por este tipo de condicionamento, todos os comportamentos observáveis

no homem e nos animais. Esta teoria ficou conhecida como “Gerador de estímulos condicionados” e a ela se atribuía à faculdade de modelar completamente o comportamento de um indivíduo.

O psicólogo norte-americano Skinner trabalhou em outra direção. Ao invés de reforçar uma resposta orgânica tão simples, como a salivação reflexa, ele tentou modelar nos animais em laboratório, comportamentos motores voluntários. A teoria de Skinner baseava-se em colocar ratos, em jejum, em gaiolas, desprovidas de quaisquer características estimulantes, nas quais a comida somente poderia ser obtida por meio de uma pequena alavanca situada ao alcance dos animais.

Quando os ratos exploravam a gaiola, não deixavam de tocar na alavanca, libertando assim a comida. A partir de então, os roedores começavam de novo a procura de comida e para isso exploravam em volta da alavanca; aos poucos, compreenderam que tinham que levantar a alavanca para que a comida aparecesse; e a partir daí souberam que o gesto de “levantar a alavanca” era operante (quer dizer eficaz). Esta é a razão pela qual a aprendizagem skinneriana é também chamada de aprendizagem operante.

### **2.2.1 Fases do Adestramento do Cão Farejador**

O adestramento do cão começa desde a escolha e aquisição do animal, passando pela escolha do Guia ou Adestrador, aquisição dos materiais necessários para o adestramento e o treinamento propriamente dito, que se divide nas seguintes fases: Fase de preparação; Fase de Treinamento e aperfeiçoamentos; Fase de Avaliação e Fase Operacional.

## **3. DO ESTUDO CIENTÍFICO**

Visando comprovar a hipótese de que o emprego do cão farejador melhoraria os resultados de apreensão de substâncias entorpecentes ilícitas pela Polícia Militar de Mato Grosso, foi realizado um experimento científico, onde uma guarnição policial foi submetida ora com e ora sem o auxílio do cão farejador a uma pista de itens escondidos de drogas em veículos.

### 3.1 PESQUISA EXPERIMENTAL

No entendimento de Gil (1991:09):

“...o experimento representa o melhor exemplo de pesquisa científica. Essencialmente, a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

A pesquisa experimental constitui um dos mais valiosos procedimentos disponíveis aos cientistas, para testar hipóteses que estabelecem relações de causa e efeito entre as variáveis. Em virtude de suas possibilidades de controle, os experimentos oferecem garantia muito maior do que qualquer outro delineamento de que a variável independente causa efeitos na variável dependente.

De acordo com ele, experimento é o conjunto de procedimentos em que o pesquisador observa um fato e submete a ele uma variável ou grupo de controle e em seguida mensura os resultados. Se a diferença entre o fato observado com a presença da variável for positiva em relação à não presença dela, a hipótese científica estará confirmada, caso contrária ela será refutada.

A formulação de lei ou teoria mediante obtenção de dados através de pesquisa experimental, necessita de precisão e repetição nos procedimentos, de modo a conferir caráter verdadeiramente científico à técnica. Gil (1991:10) afirma ainda que:

As pesquisas experimentais ao contrário do que faz supor a concepção popular, não precisam necessariamente ser realizadas em laboratório. Pode ser desenvolvida em qualquer lugar, desde que apresente as seguintes propriedades:

Manipulação – o pesquisador precisa fazer alguma coisa para manipular pelo menos uma das características dos elementos estudados;

Controle – o pesquisador precisa introduzir um ou mais controles na situação experimental, sobretudo criando um grupo de controle; e

Distribuição aleatória - a designação dos elementos para participar dos grupos experimentais e de controle deve ser feita aleatoriamente.

### 3.2 PROCESSAMENTO DA PESQUISA EXPERIMENTAL

A pesquisa experimental consistiu em submeter guarnições policiais ora acompanhadas de um cão farejador, ora não, a uma pista de localização de drogas, simulando uma situação real do dia a dia dos policiais. O objetivo deste experimento

foi mensurar os resultados do emprego do cão farejador em atividades de auxílio a ação policial.

O fenômeno estudo foi a localização, por parte da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, de substâncias entorpecentes ilícitas através de busca e revista em veículos parados em barreiras policiais.

### **3.2.1 Os Policiais**

Os policiais que participaram da pesquisa desempenhavam suas funções no grupamento da Força Tática do 1º e do 3º Batalhão de Polícia Militar, ambos responsáveis pelo policiamento de Cuiabá (MT).

Os policiais foram divididos em duas guarnições distintas e cada uma delas, foi composta por 04 (quatro) policiais militares a comando de um graduado.

### **3.2.2 As Substâncias**

Considerando os registros de apreensão de drogas feitos em Mato Grosso e levando-se em conta as informações do serviço de inteligência dos organismos de segurança pública de Mato Grosso, foi escolhida para ser utilizada nessa experimentação a Pasta Base de Cocaína.

### **3.2.3 Grupo Controle ou Variável**

O grupo controle ou variável foi composto por um condutor e um cão farejador. O Condutor do conjunto foi o Inspetor da Polícia Rodoviária Federal Eloi Grison e o cão farejador, foi à cadela da raça retriever do labrador de nome Polly da cor preta, de 02 anos de idade.

### **3.2.4 Descrição da Pesquisa Experimental**

A pesquisa experimental consistiu na montagem de uma barreira policial fictícia, onde foram escondidos itens de drogas em alguns veículos que passaram pela barreira. O experimento foi realizado no pátio do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso.

A guarnição policial recebeu a missão de montar uma barreira numa rodovia estadual de baixo fluxo de veículos, porém com grande número de registro de apreensão de drogas, armas, contrabando e veículos roubados e furtados. A missão da guarnição policial não foi especificada, de modo a não direcionar as atividades dos policiais, nem tão pouco condicionar o seu comportamento e conduta, tentando com isso, aproximarmos ao máximo das situações encontradas no dia a dia.

Foi montada uma Comissão técnica que teve a incumbência de auditar todos os procedimentos do experimento, bem como tecer parecer sobre eventuais irregularidades. A Comissão foi composta pelo Ten Cel PM Reinaldo Magalhães Moraes, pelo Inspetor Elton Carvalho e pelo Maj PM Edson Benedito Rondo Filho, orientador desta monografia.

O critério escolhido para esconder os itens de drogas foi o de maior dificuldade possível para localização tanto dos policiais, quanto do cão. Vale ressaltar que os locais de esconderijo não foram escolhidos aleatoriamente, eles se assemelham a locais em que foram apreendidas substâncias entorpecentes em nosso Estado.

A experimentação foi organizada da seguinte maneira:

- ✓ Os policiais receberam a instrução de que 06 (seis) veículos de passeio iriam passar em sua barreira e que a guarnição deveria realizar a busca e revista nos veículos que entendessem necessário.
- ✓ Cada veículo foi conduzido por um condutor diferente, de sexo e característica distinta e todos os veículos tinham a mesma origem e destino.
- ✓ Os policiais tinham livre arbítrio para abordar os veículos que quisessem e entendessem necessários.
- ✓ O tempo que a guarnição teve para realizar a abordagem e busca em um veículo, foi livre, entretanto o fluxo de veículos na rodovia se manteve normal, ou seja, em determinados momentos passou mais de um veículo na barreira, em outros houve um grande lapso de tempo para a passagem de veículos.
- ✓ A guarnição teve total liberdade para utilizar os meios e recursos que entenderam necessários para realizar as revistas nos veículos, entretanto foi-lhes

alertado que qualquer dano causado as pessoas ou aos veículos, acarretaria em sanções judiciais e disciplinares aos responsáveis.

✓ A experimentação foi filmada, desde o momento em que foram repassadas as informações a guarnição, até o seu encerramento.

✓ Após o término da abordagem de todos os veículos, o grupo controle, conjunto condutor/cão farejador, foi adicionado às guarnições policiais.

✓ A guarnição policial auxiliada pelo conjunto condutor/cão farejador, passou por todos os procedimentos que a guarnição sem o auxílio do cão, passara anteriormente.

#### **4. ANÁLISE DA PESQUISA**

A pesquisa experimental apresentou uma série de informações que até o momento nem a teoria nem a experiência profissional havia nos fornecido. Diante disso, essas informações foram organizadas em tópicos, como adiante veremos:

##### **Eficiência**

Apesar do cão empregado nessa experimentação não estar adestrado a um nível de ser certificado como um cão farejador, a pesquisa experimental demonstrou com bastante clareza que uma guarnição auxiliada por um cão farejador é muito mais eficiente que uma guarnição sem o auxílio do cão.

Nessa experimentação isso ficou evidenciado, tanto no tempo de realização da revista, quanto no grau de precisão de indicação do local onde estavam escondidos os tóxicos. O tempo que o cão levou para realizar a busca em veículo foi em média 70% menor que o tempo gasto em uma revista realizada por um policial, além do que a guarnição auxiliada pelo cão farejador, apresentou resultado 50% melhor na localização de itens escondidos de drogas que a guarnição sem o auxílio do cão.

O cão localizou 04/08 itens escondidos de drogas e em média gastou 06 minutos para realizar a busca em um veículo, enquanto que a guarnição sem o cão não localizou nenhum item escondido, além do que gastou em média 27 minutos em cada veículo.

### **Preconceito**

Nas abordagens feitas pela guarnição sem o auxílio do cão farejador, o policial responsável pela triagem na barreira, realizava sua atividade baseada em princípios em conceitos intrínsecos a sua cultura ou formação. No caso específico da barreira percebemos que os veículos conduzidos por mulheres não são tão abordados quanto os que são conduzidos por homens.

Outro ponto observado é que os policiais trabalharam com um estereótipo de veículo a ser abordado, excluindo de sua ação veículos com características distintas do modelo que possuíam em sua cabeça, na pesquisa os policiais deram mais ênfase em veículos novos.

Já na guarnição auxiliada pelo cão, o fator preconceito não foi levado em consideração, pois todos os veículos, independente de característica do carro e do condutor, foram abordados e revistados.

### **Distração ou perda de foco**

Tanto no fenômeno quanto no grupo controle, foi observado a distração e a perda de foco na revista.

Na guarnição sem o auxílio do cão, creditamos esse fator ao cansaço físico dos policiais, enquanto que na guarnição com o auxílio do cão, creditamos isso ao emprego do animal em muitos veículos em um curto espaço de tempo, ocasionando o desinteresse pela brincadeira ou jogo de procura do brinquedo.

Outro ponto observado na guarnição sem o auxílio do cão é que existem alguns compartimentos e objetos que recebem maior atenção do que outros. Nessa experimentação foi adicionado em um dos veículos no compartimento de bagagem, malas contendo roupas e livros que receberam grande atenção dos policiais enquanto que outros compartimentos passaram quase que despercebidos.

Já com o cão, a busca foi realizada em todo o veículo e também nas malas, e percebemos que para o animal, as malas ou outro compartimento do veículo tem um mesmo valor, pois não possuem significado para ele.

### **Persistência e Resistência a Fadiga**

A persistência no caso dos policiais está diretamente ligada ao número de veículos abordados, verificamos que essa relação é inversamente proporcional, pois quanto mais veículos são abordados e revistados, menor é a persistência dos policiais.

Outro fator observado em relação aos policiais sem o cão, é o desgaste por ter que trabalhar sob o sol forte e trajando uma vestimenta que já é muito quente e que adicionado o colete, se torna uma verdadeira estufa, ocasionando a fadiga em poucas horas de trabalho.

Com relação ao cão percebemos que a persistência está diretamente ligada ao nível de adestramento do animal, pois quanto mais adestrado ele se encontra maior o seu interesse pela brincadeira. No caso da cadela Polly, o seu interesse inicial é bom, porém vai diminuindo com o passar da revista.

Apesar do cão também se cansar, a sua resistência a fadiga é bem maior do que a do homem. No caso específico dessa experimentação a cadela polly realizou sozinha a busca em seis veículos em um tempo menor que uma guarnição realizou em apenas dois.

### **Frustração**

Foi um dos fatores mais importantes observados nessa experimentação. A cada veículo que a guarnição policial sem o auxílio do cão, realizava a revista e não encontrava nenhuma irregularidade, o seu interesse, energia e motivação, ia diminuindo a ponto deles não se esforçarem para realizar mais abordagens em outros veículos.

Em relação à guarnição com a presença do grupo controle isso não foi verificado. Os policiais demonstraram bom interesse pelo serviço e motivação em submeter os veículos à busca do cão, como se estivessem participando de um jogo interessante. Quanto ao cão percebemos que para ele, tudo que estava ocorrendo naquela experimentação não passava de uma 'brincadeira' e uma grande oportunidade dele se libertar do canil.

### **Procedimento Padrão**

Apesar de conhecer o procedimento policial padrão em uma abordagem e revista em veículo, o ser humano tende a desobedece e não cumpri a risca o que está determinado nos manuais ou normas. Durante a experimentação os policiais militares por vezes não seguiram as recomendações de sentido de busca, de ponto inicial e final e consequentemente passaram em um mesmo local mais de uma vez e deixaram de revistar outros locais.

No grupo controle isso também é possível, porém como o cão e o seu condutor estão tão condicionados a revista, isso não foi verificado na experimentação. O que vimos foi um mesmo procedimento em todas as buscas nos veículos, ou seja, início na grade do radiador dos veículos, deslocamento no sentido anti-horário, primeiramente por toda a parte externa, em seguida, no compartimento do motor, na parte interna do veículo e por último no porta-malas.

### **Danos materiais**

Não foi observado nenhum dano material causado nem pelo cão, nem pelos policiais. O que percebemos é que mesmo sendo uma simulação, as pessoas ficaram mais a vontade na busca feita pelo cão em seus pertences do que na revista feita pelos policiais.

### **Vulnerabilidade a pressão**

A guarnição sem o auxílio do cão sofreu maior pressão para terminar a revista do que a guarnição auxiliada pelo animal. O que percebemos é que com o passar do tempo os ocupantes dos veículos começam a ficar incomodados com o prolongamento da revista e tendem a questionarem o que geralmente irrita o policial e aumento o seu destemperamento

Na busca do cão esse tempo é bem menor, o que reduz bastante o tempo de contato dos ocupantes do veículo com a guarnição policial.

### **Outros pontos a ressaltar**

1. Como a guarnição policial teve que voltar suas atenções para o veículo que estava sendo abordado, eles optaram por não determinar a parada de outro veículo até que todos os seus integrantes estivessem novamente em condições e com a sua atenção voltada para a barreira. Esse fator aliado ao efetivo de policiais empregados na barreira, impediu a parada de mais de um veículo ao mesmo tempo, acarretando a passagem de veículos pela barreira, sem sequer serem abordados.

2. O modo com que os veículos foram apresentados as guarnições policiais, assemelhou-se muito com a tática empregada pelos traficantes, chamada de 'boi de piranha', quando os marginais determinam que um veículo sem portar drogas ou com uma quantidade pequena, passe por uma barreira chamando toda a atenção da guarnição, enquanto que outros veículos com quantidades maiores de substâncias entorpecentes ilícitas, passem sem serem abordados.

3. A dificuldade observada em relação ao cão se deu nos itens de drogas escondidos em estepes de veículos, isto é explicado, pois a cadela Polly ainda estava habilitada para a localização de substâncias em compartimentos lacrados com pressão.

4. Um fator negativo observado em relação ao cão farejador foi a sua maior fragilidade em relação ao homem, quando nos referimos à temperatura ambiente no local de trabalho. Uma medida que pode minimizar esse fator é a utilização de mais de um cão na operação, propiciando desta feita, que os cães sejam empregados de maneira intercalada.

### **CONCLUSÃO**

Após análise das informações bibliográficas, bem como dos resultados obtidos na pesquisa experimental e das informações colhidas dos policiais militares que atuam efetivamente no combate ao tráfico doméstico de drogas, concluiu-se que o cão farejador é uma grande ferramenta de localização de substâncias entorpecentes ilícitas.

Durante o estudo ficou evidenciada a grande capacidade olfativa que o cão

possuí e quando o colocamos à prova, em uma simulação de uma barreira policial, com controle pareado, mesmo não possuindo o nível ideal de adestramento, o cão farejador obteve um resultado muito superior ao dos policiais que atuaram sem o seu auxílio.

Para finalizar, ressalto a importância desse estudo, no convencimento das autoridades de Segurança Pública para o desenvolvimento de políticas de instalação de canis especializados em faro de entorpecentes, bem como no emprego mais intensificado do cão como instrumento de auxílio policial na localização de substâncias entorpecentes ilegais.

## BIBLIOGRAFIA

BRASIL, República Federativa do. **Constituição Federal**. Brasília: Senado Federal, 1988.

POLÍCIA FEDERAL, **Cartilha de Prevenção ao Uso e Abuso de Drogas**. Brasília, Delegacia de Repressão ao Tráfico Internacional de Entorpecentes, 2005.

CENTRO REGIONAL DE TREINAMENTO EM SEGURANÇA PÚBLICA. **Curso de Guias de Cães Farejadores de Drogas**. Florianópolis, SENASP, 2005.

ESPÓSITO, Eduardo. **Adestre seu cão com o Capitão Eduardo**. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 1997.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação**. Explicitação das Normas da ABNT. – 14. ed. – Porto Alegre: s/nº. 2007.

GARCIA JUNIOR, Alair. **O emprego do cão policial na detecção de drogas, explosivos, outras substâncias e localização de pessoas soterradas**. Natal: Polícia Militar do Rio Grande do Norte, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi**. – 4. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MACHADO, Cláudio Roberto da Cunha; ALVES, José Nilo Corrêa; LOPES, Júlio César Rocha. **O cão de faro na Brigada Militar e sua utilização na detecção e localização de drogas ilícitas e substâncias explosivas**. Porto Alegre: Polícia Militar do Rio Grande do Sul, 2001.

MAGALHÃES, Reinaldo Moraes, **Manual para manutenção de cães na Polícia Militar de Mato Grosso**. Cuiabá, PMMT, 1999.

\_\_\_\_\_, **Apostila do Curso de Especialização em Cinotecnia da PMMT**. Cuiabá, CFAP, 2000.

RONDON FILHO, Edson Benedito. **Metodologia do Processo Cíclico de Inteligência: uma percepção do labor da agência central de inteligência da PMMT**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.